

RELATO DE CASO: OTITE EXTERNA POR MALASSEZIA EM FELINO

SANTOS, Jessica Lais Rheinheimer dos.¹

FONTE, Julia Bernardi Gonçalves da.²

RIBEIRO, Rodrigo Neca.³

RESUMO

A otite externa é a inflamação do conduto auditivo externo. Sendo responsável por cerca de 8% a 15% dos casos atendidos na rotina das clínicas veterinárias do Brasil, e na população felina de 2 a 6%. A *Malassezia* é uma levedura natural da microbiota cutânea de cães e gatos, podendo ser o causador da otite externa. No presente trabalho buscou-se relatar o caso de um felino, sem raça definida (SRD), com 2 anos e 4 kg, que foi diagnosticado com otite após exame físico. O odor fétido e a secreção escura no conduto eram característicos de *Malassezia*, onde foi realizado um *Swab* e confirmado através da visualização da levedura no microscópio. O atendimento realizado foi em clínica veterinária no município de Capanema, Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Otite externa, Felino, *Malassezia*, Relato de caso.

1. INTRODUÇÃO

Mazzei *et al.* (2002) e Nobre *et al.* (1998) relatam que as doenças do sistema tegumentar são de alta prevalência dentro da clínica de pequenos animais. A *Malassezia* faz parte da microbiota normal da pele, porém quando ocorre o aumento da umidade, temperatura e do substrato no local há um aumento do número de células sendo ela a causadora de otopatias.

Oliveira *et al.* (2005) e Rosychuk; Lutgen (2004) as otites representam cerca 8 a 15% dos casos atendidos na rotina das clínicas veterinárias do Brasil e na população felina acometem cerca de 2 a 6%. Cães das raças Poodle miniatura, Cocker Spaniel e Fox Terrier e gatos Himalaios e Persas têm maior incidência. Cães com 5 a 8 anos de idade são mais propensos à otite, já os gatos são mais afetados por volta de 1 a 2 anos (KRAHWINKEL, 1998).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

¹Acadêmica do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail:lais.je@hotmail.com

²Acadêmica do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail:jubernardigf@hotmail.com

³Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz e Médico Veterinário do Hospital Veterinário – FAG. E-mail:rodrigoriibeiro@hotmail.com.

Segundo Birchard e Sherding (2003) a otite externa é a inflamação do tecido mole do conduto auditivo externo, sendo a afecção mais comum na clínica de pequenos animais. De acordo com Crespo (1999) e Hajsig (1990) a *Malassezia pachydermatis* vem ganhando importância nos quadros clínicos em felinos, apresentando maior porcentagem no meato acústico externo (8%-18%). Jones *et al.* (2000) descreve que a *Malassezia* faz parte da microbiota natural dos ouvidos de cães e gatos.

Os fatores predisponentes são aqueles que tornam a orelha mais susceptível a inflamação iniciada por fatores primários, mas que por si mesmo não causam otite (ETTINGER e FELDMAN, 2008). Segundo Ettinger e Feldman (2008), a temperatura e a umidade, as predisposições anatômicas e a doença obstrutiva da orelha são fatores predisponentes a inflamação. Os fatores perpetuantes continuam a resposta inflamatória, mesmo que os fatores primários não estejam presentes. Rhodes (2005) complementa que a *Malassezia* atua como um fator perpetuador, pois causam infecção e provocam mudanças patológicas na orelha que resultam em otite.

Santos (2007) discorre que quando há umidade e temperatura a *Malassezia* se prolifera de forma intensa sendo causadora de infecções como a otite externa. Harvey *et al.* (2004) e Grono (1970) a temperatura do ouvido externo de cães é de 38,2° a 38,4° e que com a presença a otite externa há um aumento para 38,9°C. Harvey *et al.* (2004) diz que a média da umidade do conduto é de 80,4%, favorecendo a aparecimento de otites externas.

Para Tilley e Smith Jr (2003) os sinais que o animal acometido com otite apresenta são: coçar ou esfregar o ouvido no chão e/ou pender ou balançar a cabeça. Rhodes (2002) corrobora com o autor anterior relatando que os gatos inclinam a cabeça ou podem manter a orelha abaixada na presença de otite externa. Harvey e McKeever (2001) relatam que o aspecto do cerúmen auricular em casos de infecção por *Malassezia* é cor marrom chocolate. August (1993), descreve que a infecção por *Malassezia pachydermatis* levam ao acúmulo do cerúmen de odor característico e coloração castanha.

O diagnóstico da Malasseziose é baseado no exame clínico e nos resultados das análises citológicas, culturais e histopatológicas (CASTANHO, 2004). Jacobson (2002), corrobora com o autor anterior e complementa dizendo que como existem várias causas de otite externa um diagnóstico sistemático e minucioso é essencial.

Ettinger e Feldman (2004); Jacobson (2002), o diagnóstico é iniciado com uma completa anamnese, exame físico geral e dermatológico, em seguida inicia-se o exame otológico com o

otoscópico e exame citológico. A otoscopia é considerada bastante útil para destacar o tipo de lesão, a quantidade e o tipo de secreção, parasitas e certificar-se a integridade da membrana timpânica.

A citologia é um dos exames mais importantes no diagnóstico de uma otite externa clínica. É um exame rápido e proporciona informação útil para o diagnóstico e o tratamento (WELLINGTON, 2007). Madleau (2008) diz que a citologia, mais precisamente o *swab* do conduto acometido investiga a presença de bactérias, leveduras e cerúmen.

De acordo com DeBoer, (2005); Alen et al., (2007); Wellington, (2007); Gary *et al.*, (2009); Schmidt, (2010), para realizar o exame citológico pode ser utilizado um cotonete estéril retirando uma pequena quantidade de exsudato. A colheita deve ser realizada em ambos dos ouvidos, esquerdo e direito (GOTTHELF, 2009). Val (2005) após realização do exame citológico com *swab* e posterior esfregaço em lâmina, é importante corar a mesma com método rápido de coloração para ser examinado no microscópio.

O número mínimo de leveduras presentes no canal auditivo externo, que poderá estar relacionado como seu efeito patogênico ainda não é conhecido (Campbell, 1999). De acordo com Harvey e McKeever (2001) a visualização da *Malassezia* no microscópio se dá por ela ter um formato alongado, oval e possuir um orifício unipolar. Rhodes (2005) diz que a *Malassezia* quando visualizada em microscópio possui formato característico de amendoim.

Nobre *et al.* (2002) relata que em casos por *Malassezia* pode ser utilizado miconazol e clotrimazol, como tratamento medicamentoso. Segundo Val (2005) quando há presença de secreção úmida ou exsudação purulenta deve ser realizada a remoção das mesmas seguindo com tratamento de solução. Quando a levedura é causadora da otite externa é importante utilizar ácido salicílico para realizar a limpeza do conduto, colocando sempre a solução até que preencha todo o canal, realizando massagem com movimentos de abrir e fechar a mão na cartilagem timpânica.

Com terapia adequada, a maior parte dos casos se resolve em 3-4 semanas, se tiver a correção do fator perpetuador caso contrário resultará em recidiva (RHODES, 2005).

3. METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é relatar o caso de um paciente atendido em clínica veterinária no município de Capanema, Paraná no ano de 2018 que foi diagnosticado com otite externa através da anamnese e sinais clínicos de odor fétido e secreção escura. Foi realizado o exame citológico com

Swab constatando a presença da levedura *Malassezia*. Para descrição deste trabalho foram utilizados artigos científicos em alguns arquivos virtuais e livros obtidos em biblioteca universitária.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Paciente da espécie Felina, sem raça definida (SRD), com dois anos, pesando 4 kg. Durante a anamnese foi relatado que o mesmo apresentava-se mais apático, pendendo a cabeça para o lado esquerdo.

Após avaliação dos ouvidos esquerdo e direito com o otoscópio a médica veterinária diagnosticou otite externa, com presença de odor fétido e secreção escura. Foi realizado o exame citológico de *swab*, pois a mesma suspeitou que a causa da otite fosse por *Malassezia*.

Realizou-se a colheita do cerúmen de ambos os ouvidos e realizado o esfregaço na lâmina, devido sua experiência a médica veterinária optou por não corar a lâmina para realizar o diagnóstico. Colocou-se a lâmina no microscópio para análise. O exame citológico resultou em positivo para *Malassezia*.

A partir do resultado do exame iniciou o tratamento tópico com solução otológica para realização da limpeza do conduto auditivo a base de ácido láctico 2,5g, ácido salicílico 0,1g e extrato de glicólico de camomila 1,0g. O modo de aplicação da solução foi explicado para a tutora, sendo que ela deveria aplicar a solução otológica e fazer a massagem do local, e somente 15 minutos após utilizar a pomada medicamentosa, utilizando a solução durante 10 dias a cada QD.

Associando também por via tópica uma pomada contendo: clotrimazol 1,0g, gentamicina 0,846g, betametasona 0,151g e benzocaína 2g, para aplicar a cada BID por 10 dias, 4 gotas.

O retorno foi agendado para quinze dias após a primeira avaliação da paciente. Na reconsulta ela foi novamente avaliada com o otoscópio e pode ser observado que a mesma não apresentava mais otite externa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de caso retratado descreveu um paciente que foi diagnosticado com otite externa por *Malassezia*. O método diagnóstico utilizado foi o exame citológico por *swab*, pois é um exame rápido e proporciona informação útil para o diagnóstico e o tratamento. O tratamento instituído resultou em eficácia, visto que no retorno o mesmo não apresentava mais a afecção.

REFERÊNCIAS

ALLEN, G.D.; ANDRESON, P.D.; JEFFCOTT, B.L.; QUESENBERRY, E.K.; RADOSTITIS, M.O.; REEVES, T.P.; WOLF, M.A.; **Manual Merck de Veterinária**. 6ª Edição. Oceano/Centrum. Barcelona Espanha, 2007.

AUGUST, J.R.; Otitis externa: uma enfermidade de etiologia multifactorial. *Clín. Vet, Norteam.:* *Práct. Clín. Peq. Anim.*, v. 18, p. 1-14, 1993.

BIRCHARD, S. J; SHERDING, R. G.; **Manual Saunders: clínica de pequenos animais**. Roca, São Paulo, 2ª edição, 2003.

CAMPBELL L.K.; **The Veterinary Clinics of North America – Small Animal Practice – Dermatology**. Randy Hendrickson, Philadelphia, 1999.

CASTANHO, A.V; *Malassezia Pachydermatis*. Monografia apresentada ao curso de medicina veterinária da faculdade de ciências biológicas e da saúde da universidade tuiuti do Paraná. Curitiba, novembro de 2004.

CRESPO, M.J.; ABARCA, M.J.; CABAÑES, F.J.; Isolation of *Malassezia furfur* from a Cat. **J. Clin. Microbiol.**, 1999. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10203525>. Acesso em: 09/10/2018.

DEBOER, J.D.; Challenges of recurrent otitis. **Proceeding of the North American Veterinary Conference (NAVC)**. Congress: Orlando, Florida, 2005.

ETTINGER, J.S.; FELDMAN, C.E.; **Tratado de Medicina Interna Veterinária: Doença do cão e do gato**. 5ª Edição. Guanabara Koogan.2004, Rio de Janeiro, Brasil.

ETTINGER, J.S.; FELDMAN, C.E.; *Tratado de Medicina Interna Veterinária: Doença do cão e do gato*. **Guanabara Koogan**, volume 2, 5ª edição, 2008, Rio de Janeiro, Brasil.

GARY, D.; MITCHELL, A.C.; GRACE, F.S.; TILLEY, P.L.; **El paciente felino**. 3ª Edição. Inter-médica. Buenos Aires, Republica Argentina, 2009.

GOTTHELF, L.N.; The 4 Step Approach to Otitis Externa. **Proceeding of the Latin American Veterinary Conference (NAVC)**, Peru, 2009.

GRONO, L. R.; Studies of the microclimate of the external auditory canal in the dog. III: Relative humidity within the external auditory meatus. **Res Vet Sci**. volume 11, página 316-319, 1970. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/5499314>. Acesso em: 26/09/2018.

HAJSIG D.; HAJSIG, M.; Vukovic, D.; Nalazi kvasca *Malassezia Pachydermatis* u zdravih macaka (*Malassezia Pachydermatis* in health cats). **Veterinaski Arhiv**, 1990. Disponível em: <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/19912218746>. Acesso em: 09/10/2018.

HARVEY, R. G; HARARI, J.; DELAUCHE, A. J.; **Doenças de ouvidos em cães e gatos**. Rio de Janeiro, Editora Revinter, 2004.

HARVEY, R. G.; MCKEEVER, P. J.; **Manual ilustrado de enfermidades de la piel en perro y gato**. España, Grass Edicions, 2001.

JACOBSON, L. S.; Diagnosis and medical treatment of otitis externa in the dog and cat. **Journal of the South African Veterinary Association**, 2002. Disponível em: <https://jsava.co.za/index.php/jsava/article/view/581>. Acesso em: 09/10/2018.

JONES, T. C; HUNT, R. D.; **Patologia veterinária**. Editora Manole, São Paulo, 6º edição, 2000.

KRAHWINKEL, D. J. Canal/conduto auditivo externo. In: SLATTER, Douglas. **Manual de cirurgia de pequenos animais**. 2. ed. 2. vol. São Paulo: Manole, 1998, página 1850-1857.

MAZZEI, C.R.N.; LARSSON, C.E.; GAMBALE, W.; RODRIGUES, C.P.; VALENTE, N.S.; Malasseziose tegumentar canina: estudo clínico-epidemiológico retrospectivo de 92 casos, São Paulo, Brasil, 2002. Revista **Educação Continuada**. Disponível em: <http://revistas.bvs-vet.org.br/recmvz/article/view/3271>. Acesso em: 08/10/2018.

MEDLEAU, L. J, K. A.; **Dermatologia De Pequenos Animais**. Editora Roca, São Paulo, 2008.

NOBRE, M. O. *et al.*, Drogas Antifúngicas para Pequenos e Grandes Animais. **Ciência Rural**, v.32, n.1, Santa Maria, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010384782002000100029&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em: 06/09/2018.

NOBRE, M; *et al.* Malassezia pachydermatis e outros agentes infecciosos nas otites externas e dermatites em cães. **Ciência Rural**, volume 28, número 3, 1998, página 447-452. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/doi/01038478/1998/00000028/00000003/art00016>. Acesso em: 08/10/2018.

OLIVEIRA, L.C. et al., Susceptibilidade a antimicrobianos de bactérias isoladas de otite externa em cães. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v.57 n.3 Belo Horizonte June 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-09352005000300021. Acesso em: 08/10/2018.

ROSYCHUK, Rod A. W.; LUTTGEM, Patrícia. Doenças dos ouvidos. In: ETTINGER, Stephen J.; FELDMAN, Edward C. **Tratado de medicina interna veterinária**. 5. ed. 2. vol. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 1048-1053p.

RHODES, K. H.; **Dermatologia De Pequenos Animais consulta em 5 minutos**. Editora Reinter, Rio de Janeiro, 2002.

RHODES, K.H.; GRAM, W. D.; **Dermatologia de pequenos animais - consulta em 5 minutos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

SANTOS, R. R.; Sensibilidade in vitro da Microbiota da Orelha de Cães com Otite Externa a Cinco Antimicrobianos, **Acta Scientiae Veterinariae**, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/actavet/35-suple-2/anclivepa%20artigos%20dermatologia.pdf>. Acesso em: 21/08/2018.